
DOCÊNCIA E COLONIALIDADE: É POSSÍVEL HAVER LIBERTAÇÃO?

CARLOS EDUARDO DO VALE ORTIZ (1)

Resumo

O artigo em questão intitulado: “Docência e colonialidade: É possível haver libertação?” tem como principal objetivo definir o que é o pós-colonial e quais são os seus respectivos valores e ideias dentro de um olhar essencialmente teórico. Além disso, para que houvesse concepções claras sobre o que seria o pensamento pós-colonial, o escrito contou com concepções de pensadores como: Fanon (1968), Bauman (2007), Bonnici (2005), Bhabha (1999), Nenevé (2016), Zanotelli (2014), Memmi (1967), e entre outros. Sob o mesmo ponto de vista, o escrito em seu desenrolar, fala da diferença e dos produtos do colonialismo e da colonialidade. Ademais, após esse processo, encontra-se na estrutura do escrito um pequeno paralelo do que seria o decolonial e de como tal pensamento é útil para o ensino.

Palavras-chave: *Consciência; Decolonial; Docentes.*

Resúmen

The article in question entitled: “Teaching and coloniality: Is it possible to have liberation?” Has as its main objective to define what is the post-colonial and what are their respective values and ideas within an essentially theoretical perspective. Moreover, in order to have clear conceptions about what would be postcolonial thought, the writing had conceptions of thinkers such as: Fanon (1968), Bauman (2007), Bonnici (2005), Bhabha (1999), Nenevé (2016).), Zanotelli (2014), Memmi (1967) and others. From the same point of view, writing in its course speaks of the difference and products of colonialism and coloniality. Moreover, after this process, one finds in the structure of writing a small parallel of what the decolonial would be and how useful such thinking is for teaching.

Keywords: *Consciousness; Decolonial; Teachers.*

(1) Universidade Federal de Rondônia - UNIR; e-mail: carloseduardodovaleortiz5@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo são apresentadas ideias que conceituam o que é visto e entendido como pós-colonial e suas variantes, de como surgiu o entendimento desse fenômeno que até os dias de hoje molda a ideologia da sociedade e conseqüentemente do indivíduo que constitui essa comunidade.

O escrito intitulado: "Docência e colonialidade: É possível haver libertação?", visa mostrar/sugerir caminhos para que haja dentro do contexto educacional, uma reformulação de concepções e práticas para que a atual realidade seja estruturalmente modificada.

Além disso, dentro de uma perspectiva teórica, entre os pensadores que auxiliam no entendimento de todo o contexto, estão: Fanon (1968), Nenevé (2006), Quijano (2007), Bonnici (2000), Bhabha (1998), Memmi (2007), e entre outros autores que juntos, estão em uma consonância de ideias que auxiliam e mostram um norte para as concepções.

2. PÓS-COLONIAL: CONCEPÇÕES INICIAIS.

"*Luto pelos meus direitos!*"; Essa expressão tem sido cada vez mais recorrente dentro da atual sociedade. Contudo, a ideia por trás dessa expressão possui um contexto muito mais intenso e concreto do que aparenta. Dentro de um ponto de vista teórico, chega em meados da década de 70 em território brasileiro, os estudos/noções do pós-colonial e do colonialismo.

A noção do colonialismo e dos estudos pós-coloniais começa na literatura.

Além disso, pode-se afirmar que esses princípios ganham força e são disseminados por alguns autores de forma particular; Sendo eles: Os indianos Gayatri Spivak e Homi Bhabha e o palestino Edward Said. Três autores que vieram de um 'outro mundo' e que conseguiram ter suas principais publicações em território norte americano, assim, ganhando destaque mundial.

Desse modo, o que seria realmente essa ideologia denominada pós-colonial? Para tentar responder tal indagação, ao analisarmos a obra de Frantz Fanon com o título de: *Os condenados da terra*, percebemos de forma quase palpável, que o autor atiza o povo a rebelar-se contra o seus colonizadores e assim, garantir a liberdade. Tudo isso, em um contexto de literal colonização.

Assim, pode-se afirmar que essa contextualização não conceitua os estudos pós-coloniais, mas, já demonstra parte de sua essência. A ideia de revide, de emancipação, de luta pelos direitos representa parte do que é o pós-colonial. Atualmente, o termo em questão tem sido usado dentro de outras correntes e aplicado em outros âmbitos. Assim, não é incorreto falar da existência de 'pós-colonialismos'. Ashcroft declara que a teoria pós-colonial existia antes mesmo da mesma ganhar força no campo da literatura. (ASHCROFT et al., 1995).

Desse modo, uma das definições de literatura pós-colonial consiste em dizer que: "Literatura pós-colonial é a literatura produzida por aqueles povos que foram colonizados pelas forças imperiais europeias, (e que o termo cobre) todas as culturas afetadas pelo processo imperial desde o momento da

colonização até os dias atuais” (ASHCROFT, 2001 apud NENEVÉ, 2006, p. 159).

Vale ressaltar, que o fato do termo ser usado em outras ramificações e contextualizações, não faz com que o movimento seja visto como parte modernismo ou de ramificações da atualidade. Destarte, o pós-colonial não deve ser visto como uma das partes do modernismo, por exemplo; E sim, como uma estrutura semelhante, nunca a mesma.

Outrossim, Miguel Nenevé e Sônia Sampaio afirmam em seu texto contido na obra intitulada: *Pós- colonialismos*, que: “Pós-colonial para nós, se refere quase sempre, a algo contra o colonialismo, ou ainda a algo que promove discussões sobre o fardo do colonialismo bem como a todo tipo de opressão” (NENEVÉ e SAMPAIO, 2016, p. 13-14).

E ainda continuam:

O pós-colonial, portanto, está preocupado em elaborar formas de resistência contra as injustiças e opressões visíveis em nossa sociedade. A colaboração do pós-colonial é, portanto, como vimos argumentando, uma postura anticolonial, contra todo tipo de preconceito, de desigualdade e injustiças. (NENEVÉ e SAMPAIO, 2016, p. 16.)

Além disso, no que compete a características, o pós-colonialismo ou o anticolonial, como também é conhecido, tem como marca, a luta constante contra os valores eurocêntricos que foram impostos durante o processo de colonização. Além de combater valores como o colonialismo e a colonialidade.

Ademais, vale ressaltar que ao estudar ou abordar a teoria pós-colonial, torna-se quase que uma exigência, singularizar o que é colonialidade e colonialismo.

Portanto, nessa mesma necessidade de distinguir a colonialidade do colonialismo, Nelson Maldonado Torres discorre:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (MALDONADO, 2007, p.131)

Assim, podemos singularizar a colonialidade como uma espécie de consequência ideológica do colonialismo. Nesse sentido, Aníbal Quijano pontua, em relação ao que seriam essas consequências, da seguinte maneira: “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”[...] (QUIJANO, 2007, p.93.).

Sob o mesmo ponto de vista, Moema Augel (2007, p.126), ao citar Michael Hardt (2003), atesta:

O sujeito colonizado, (...) é concebido no imaginário metropolitano como o “Outro” e, como tal, é alijado tanto quanto possível dos princípios que definem os valores da civilização europeia. O colonialismo (...) desprezava e negava a identidade do colonizado (...) os valores locais, autóctones (...) eram considerados inferiores e eram mesmo proibidos e combatidos (...) o sistema colonial determinava que as identidades fossem demarcadas com uma nítida separação a partir das fronteiras entre a metrópole e a colônia, entre o colonizador e o colonizado.

Logo, a colonialidade é o fenômeno responsável por segmentar a sociedade em 'blocos'. Os ricos de um lado, os pobres de outro, os brancos possuem benefícios, os negros obrigações entre outras colonialidades afins.

Desta forma, o escrito em questão com o título: "Docência e colonialidade: É possível haver libertação?", visa pontuar ações que auxiliem no processo de descolonização da mente docente para que a educação e seus elementos constituintes sejam modificados em sua essência. Sob o mesmo ponto de vista, a justificativa do trabalho gira em torno da ideia de que a colonialidade é um fenômeno que surgiu dentro de um contexto histórico, contudo o mesmo ainda determina ideologias na atualidade que fazem com que os sujeitos de uma determinada comunidade, ainda sofram com a ideia da outremização.

A engenharia da colonização é tão refinada que não é perceptível a reprodução dos estereótipos que desprezam a nós mesmos, os próprios colonizados.

Nossos saberes, nossas práticas, nossos poderes são fruto e expressão da Colonização, reprodutores e aprofundadores da Colonização [...]. Nossa ciência precisa se pautar pelo positivismo da constatação e da matemática, como o indica a Modernidade europeia. Nossa Filosofia é consequência dos "grandes" pensadores da metrópole. Sobre eles realizamos nossas teses de mestrado e doutorado, porque eles são o critério da verdade filosófica. A teologia europeia nos indica o que é certo e errado sobre a fé, sobre a religião, sobre as falsas religiões, sobre as superstições. Nossos ritos religiosos repetem os da metrópole, mesmo que em contradição com o tempo de sua celebração: celebramos a Páscoa da Ressurreição, a festa da Primavera e da vida, quando começa o outono [...]. Somos colonizados. Somos colonizados no sentir, no ouvir, no interpretar e no falar. E para pensar a possibilidade de descolonização é preciso, antes de qualquer coisa, pensar na colonização. (ZANOTELLI, 2014, p.492)

Sob o mesmo ponto de vista e dentro de uma perspectiva histórica, o processo de colonização, em meados do século XVI, deixa mais claro como o colonizador atuou sobre o colonizado. O colonizador possui a habilidade de dominar o colonizado através de uma engenharia essencialmente refinada, em outros termos, o colonizador entende que definir o sujeito - no caso o colonizado - é a forma mais poderosa de dominação existente. E assim, o processo de definição do sujeito era feito através do discurso que o colonizador propagava sobre o colonizado e suas respectivas características. Discurso esse, que era sempre carregado de estereótipos, onde o superior, o correto e o adequado caracterizavam sempre o europeu/colonizador.

Em consonância, Bonnici pontua:

Na teoria pós-colonial o Outro é o centro imperial, o discurso imperial, a metrópole. O Outro proporciona os termos através dos quais o sujeito colonizado fabrica sua identidade dependente. O Outro é também o aparato ideológico absoluto através do qual o colonizado começa a se ver e a ver o mundo ao redor dele. Portanto, o sujeito existe no fitar e no olhar do outro e sendo o poder colonizador como um fator maternal, introduz noções de pátria e de seus derivados em sua ideologia (BONNICI, 2000, p. 133).

Assim, sabe-se que definir, discriminar e repetir o que foi definido, foi a estratégia utilizada pela engenharia do colonizador, para deturpar, dominar e explorar os colonizados. A repetição desses estereótipos é vista como a principal ferramenta de dominação com o colonizado. Bhabha (1999, p.105) define essa repetição como "demoníaca". Pois a mesma, consegue não só afetar o social, mas também o psicológico de toda uma comunidade.

[...] em nossa época chamada de pós-colonial, na qual o imperialismo é visto como substituído pela globalização, a pele branca continua agradando, as filhas continuam sendo vendidas, e os mitos imperiais continuam gerando significados, desejos e ações. Falta muito para que nos descolonizemos (PRATT, 1999, p.15).

Outrossim, pode-se afirmar que o colonizador sempre será o sujeito “padrão” e o colonizado sempre será o sujeito inferior e passivo, sem capacidade de fazer coisas boas, tendo sempre um péssimo gosto sociocultural (hábitos e padrões inferiores) e sempre “precisando” de um outro sujeito para mostrar o caminho correto.

Sob o mesmo ponto de vista, o colonizado se constitui dentro de um sistema essencialmente refinado, onde o colonizador é o centro. Assim, o sujeito colonizado passa a ser persuadido - na maioria das vezes, de forma inconsciente - a aderir aquilo que o Outro (colonizador) estipulou como pertinente.

Então, quando e como surge o sujeito colonizado? Surge a partir do momento em que o colonizador se define como o superior, como aquele que pode fazer e resolver. Nesse momento, de forma indireta ele diz quem é o outro (o colonizado), e esse outro então passa a acreditar que é tudo aquilo que ele (o colonizador) não é. Assim, teoricamente, esse quadro é entendido como Outremização.

Ademais, Bonnici em relação ao contexto em questão, discorre: “Outremização é o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro. O outro é o excluído que começa a existir pelo poder do discurso colonial. Constitui-se o Outro colonizador quando os outros colonizados são fabricados”. (BONNICI,2005 p.54.)

Desse modo, o colonizador sempre conseguiu expor e impor seus valores sobre os povos que foram colonizados. Dentro do que se conhece sobre a Outremização, sabe-se que o colonizador sempre se viu como superior e adequado, logo o sujeito colonizado era inferior e inadequado para tudo o que se dispunha a fazer. Assim, a colonialidade teve suas raízes fincadas na parte mais profunda do sujeito colonizado. O Colonialismo, não foi só no âmbito histórico, social, cultural e epistemológico, mas também, no amor próprio do sujeito pela vida e pelo que ele é.

Na obra *Prospero and Caliban: A psicologia da colonização*, Octave Mannoni (1964) declara que o colonizador não vê o mundo do outro e conseqüentemente não respeita nem sua cultura nem sua história. Sob o mesmo ponto de vista, Fanon (2008) em sua obra, *Pele negra, máscaras brancas*, pontua que o processo de colonização é mais complexo do que aparenta, pois deve ser considerado o texto e o contexto, nesse caso, o contexto social, cultural, histórico e principalmente de identificação do sujeito - tanto do colonizado, quanto do colonizador - no desenrolar do fenômeno em questão.

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente o mundo do branco. [...] Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (FANON,2008, p.94).

Vale ressaltar, que a atual situação do colonizado passa a ser justificada ao analisarmos o discurso do colonizador sobre o colonizado

Um discurso que sempre reforçou estereótipos, histórias deturpadas e verdades incompletas - ou apenas um lado do que seria a verdade. Seguindo a mesma linha de pensamento, Bhabha (1998) e Memmi (1967) declaram:

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma nação sujeita, apropriada, dirige e domina suas várias esferas de atividade. (BHABHA,1998,p. 15.)

Ao fabricar a ideologia do colonialismo, ao tentar estabelecer a tese de sua superioridade, que é puramente circunstancial e histórica, o colonizador desemboca inevitavelmente no racismo. Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa estabelecer que o colonizado é por "natureza", ou por "essência", incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma, inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologia modernas, bem como de exercer a democracia, de governar-se a si mesmo. "Não é uma coincidência- escreve Memmi- o racismo resume e simboliza a relação fundamental que une colonialista e colonizado".(MEMMI, 1967, p.9.)

Assim, a posição decolonial surge e visa essencialmente reverter o que o colonizador pregou por anos. Fanon, por exemplo, deixa clara sua concepção em relação ao comportamento esperado do intelectual colonizado. Para o autor, para que o decolonial seja operativo, torna-se necessário que o colonizado tenha interesse em contar sua história, sua cultura e desmistifique o discurso do colonizador.

O homem colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança. Mas para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se de corpo e alma no combate nacional. Pode-se falar tudo, mas quando se decide falar dessa coisa única na vida de um homem, que representa o fato de abrir o horizonte, de levar a luz à sua casa, de pôr em pé o indivíduo e seu povo, então é necessário colaborar muscularmente (FANON,1968, p. 193).

Assim, pode-se afirmar que a única forma de amenizar os efeitos da colonização na sociedade, é debater, repensar, argumentar, dialogar e escrever sobre o que se passou, como se passou e o que pode ser feito para que a colonialidade seja amenizada dentro do âmbito social e moral.

Sob o mesmo ponto de vista, e no que compete aos resultados da colonização para o colonizado, Aimé Césaire (2010) esclarece da seguinte maneira:

Segurança? Cultura? Juridismo? Entretanto, olho e vejo por toda a parte onde existem, frente a frente, colonizadores e colonizados, a força, a brutalidade, a crueldade, o sadismo, o choque, e, parodiando a formação cultural, a fabricação apressada de uns tantos milhares de funcionários subalternos, "boys", artesãos, empregados de comércio e intérpretes necessários à boa marcha dos negócios. Falei de contacto. Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitê, chicote e o indígena em instrumento de produção. É minha vez de enunciar uma equação: colonização=coisificação. (CÉSAIRE, 2010,p.24-25)

Assim sendo, entende-se que o pós-colonial/anticolonial surge com o objetivo de recontar histórias que já são conhecidas, porém estruturalmente deformadas por um

discurso que visa apropriar-se de tudo aquilo que não constitui o “eu”.

No que compete aos produtos de tal fenômeno, deve-se considerar que a atual sociedade reconhece que muitas narrativas sobre os negros, homossexuais, indígenas, mulheres e outros, são deturpadas. Contudo, desvendar e expor a real essência da narrativa e desse “outro” que nela está incluído, nos coloca em uma situação hermética.

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 1999, p. 117.)

Portanto, dentro de uma perspectiva comparativa, a colonialidade fixou no colonizado um conjunto de estereótipos que fez com que o povo - os colonizados - tivessem de si, uma autoimagem fajuta de quem realmente são e do que podem fazer. Assim, em contrapartida, a decolonialidade surge com o objetivo de fazer com que o colonizado reveja sua imagem, reveja seus ideais e tenha um novo posicionamento sobre o seu “eu”.

Dessa maneira, a luta que deve ser travada gira em torno dos produtos da colonialidade, e não do colonialismo. Sob o mesmo ponto de vista, em relação ao combate aos produtos da colonialidade, Bhabha (1999) discorre:

“O discurso racista estereotípico, em seu momento colonial, inscreve uma forma de governamentalidade que se baseia em uma cisão produtiva em sua constituição do saber exercício do poder.” (BHABHA; 1999, p.127).

Ou seja, o estereótipo foi o instrumento mais ‘eficaz’, capaz de explorar e obter lucro através do colonizado. Lucro esse, que não veio só da exploração de terras, rios e bens. Pode-se dizer que o lucro maior, veio da autodeclaração de superioridade, que o colonizador obteve através do colonizado.

A palavra final pertence a Fanon: esse comportamento (colonizador) traz uma determinação de objetificar, confinar, prender, endurecer. Expressões como “Eu os conheço”, “é assim que eles são”, mostram essa objetificação máxima atingida com sucesso... Há de um lado uma cultura na qual podem ser reconhecidas qualidades de dinamismo, crescimento e profundidade. Contra isto temos [em culturas coloniais] características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura. - (Fanon Apud Bhabha, p.128, 1999)

2.1 PÓS-COLONIAL/DECOLONIAL: COMO ADERIR SEUS VALORES NA DOCÊNCIA

Seguindo a ideia já citada anteriormente, a colonialidade está grudada na essência do sujeito em diversas esferas como diz Zanotelli (2014):

Nossos saberes, nossas práticas, nossos poderes são fruto e expressão da Colonização, reprodutores e aprofundados da Colonização [...]. Nossa ciência precisa se pautar pelo positivismo da constatação e da matemática, como o indica a Modernidade europeia. Nossa Filosofia é consequência dos “grandes” pensadores da metrópole. Sobre eles realizamos nossas teses de mestrado e doutorado, porque eles são o critério da verdade filosófica. A teologia europeia nos indica o que é certo e errado sobre a fé, sobre a religião, sobre as falsas religiões, sobre as superstições. Nossos ritos religiosos repetem os da metrópole, mesmo que em contradição com o tempo de sua celebração: celebramos a Páscoa da Ressurreição, a festa da Primavera e da vida, quando começa o outono [...]. Somos colonizados. Somos colonizados no sentir, no ouvir, no interpretar e no falar. E para pensar a possibilidade de descolonização é preciso, antes de qualquer coisa, pensar na colonização. (ZANOTELLI, 2014, p.492)

Assim, torna-se inegável que a estrutura sociocultural está contaminada pelas nuances relativas a colonialidade.

No que compete à educação dentro do contexto amazônico, a realidade não é diferente em nenhum aspecto. Por isso, no que se refere ao exercício da docência, torna-se necessário pensar e repensar em atitudes e em metodologias, visto que elas poderão gerar consequências futuras no espaço educacional.

[...] não basta dar aulas: é preciso desenvolver a profissionalidade docente, o que pressupõe conhecimentos específicos do assunto pretendido. A sabedoria docente é complexa e abrange muitas facetas e dimensões, a maioria encontra-se relacionada[s] com o domínio do conteúdo, a organização curricular, a competência pedagógica, o desenvolvimento da identidade docente, a reflexão, a pesquisa e o planejamento da carreira docente. [...] É notório que se tornar professor não é tarefa fácil, é necessário muito esforço e introspecção com relação aos comportamentos adotados em sala. (LIMA E ALVES NETO, 2015,p.8)

Sob o mesmo ponto de vista pode-se afirmar que, as universidades dentro de um contexto teórico, sempre foram influenciadas por ideias diretamente ligadas aos valores eurocêntricos. Ou seja, dentro de uma premissa lógica, os docentes da atualidade - e abarcando a amazônia e seus professores - possuem ideias e valores vistos e entendidos como acadêmicos, que se analisados, podem se encaixar no que é conceituado como colonial.

Desse modo, a educação encontra-se em defasagem em relação ao que realmente seria o ensino. Visto que a mente do docente amazônico, tanto da escola pública quanto da escola privada, está essencialmente vinculada com aquilo que é estrangeiro/ colonizador. Além disso, dentro de uma ótica hipotética, não seria errôneo afirmar que os laivos do

racismo e do preconceito, assim como o bullying, entre outras formas de segregação, estão presentes no ambiente escolar, em virtude de uma ideologia tanto social quanto educacional que não considera o *outro* como um ser dotado de capacidade.

Assim, a pergunta que fica no ar consiste em: "Como desenvolver o pensamento decolonial em um contexto que regulamenta e cristaliza o colonial?". Uma das respostas para tal indagação, gira em torno da ideia que consiste em simplesmente falar sobre o assunto, falar sobre o que aconteceu, falar sobre como aconteceu, sobre as consequências de tal acontecimento, principalmente de como reverter as consequências do processo em questão.

Isto é, a única forma de reverter o atual quadro educacional e fazer com que os docentes e conseqüentemente os discentes desenvolvam em sua ideologia o pensamento decolonial, é pensar e fazer com que os outros reflitam sobre os efeitos do colonialismo dentro da sociedade e como nós, os indivíduos que constituem tal sociedade, devemos agir para reduzir os laivos da colonialidade dentro do âmbito social. Pensar e fazer pensar é a chave para o desenvolvimento do pensamento decolonial, logo é a chave para transformação da mente, do corpo e do espírito da atual sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES

O artigo em questão mostrou as concepções básicas sobre o que seria a teoria pós-colonial e suas respectivas ideologias e como o que hoje é visto e entendido como pós-colonial passou a ganhar essa definição. Além disso, o mesmo evidenciou os traços do que seria o

colonialismo e a colonialidade, além de mostrar como o decolonial/anti-colonial/ pós-colonial é relevante dentro do aspecto ideológico.

Sob a mesma linha de pensamento, o escrito traz um pequeno paralelo entre os efeitos da colonialidade com a atual situação docente. Ademais, a ideia se desenvolve a partir do princípio de elaborar uma ideologia decolonial para que o atual quadro do espaço escolar seja modificado.

Outrossim, é de fundamental importância que os professores que atuantes entendam as premissas que constituem o pensamento decolonial. Sendo esse, o passo principal para uma educação que reconhece os sujeitos que socioculturalmente foram postos à margem da estrutura comunitária. Desmistificar a teoria que consiste em afirmar que somente o estrangeiro pode “ser e fazer”, através de um ensino que reconheça a existência e a importância das minorias, é a chave para que as escamas colonizadoras sejam extraídas das lentes sociais.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Por uma história acre: saberes e sabores da escrita historiográfica. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs). Desde as Amazônias: colóquios. V. 2. Rio Branco: Neplan, 2014, p. 111-133.
- AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro: nação, identidades e pós colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- ASHCROFT, B. The Post-colonial Studies Reader, London: Routled. 1995.
- BONNICI, Thomas. O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000
- BONNICI, Thomas. Conceitos chave da teoria pós-colonial. Maringá: Eduem, 2005.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Tradução de J.L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. Pele negra, Máscaras brancas. trad. Alexandre Pomar, Porto: Edição A. Ferreira, 2008.
- LIMA, Silene da Silva; ALVES NETO, Franciso Raimundo. Desafios na prática pedagógica do docente iniciante em instituições de ensino superior. 2015
- MANNONI, Octave. Prospero and Caliban: the psychology of colonization. New York: A Prager, 1964.
- MALDONADO T, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. Pós-colonialismos: promovendo diálogos. In: WENSING FERREIRA, Carlos Roberto; PISSANTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Souza. (Org.). Pós-colonialismos: uma leitura política dos textos literários. 1ed. São Carlos: Editora Scienza, 2016, v. 1, p. 11-22.
- NENEVÉ, M. Uma visão geral sobre a Teoria do Pós-Colonialismo e sua contribuição para os estudos em educação. Saber da Amazônia, Porto Velho, v. 3, p. 156-167, Julho 2006.
- PRATT, Mary L. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

QUIJANO. Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007

ZANOTELLI, Jandir João. Educação e descolonialidades dos saberes, das práticas e dos poderes. Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 23, n. 53, maio/ago., 2014, p. 491-500. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/1749/131>>. Acesso em: Abril de 2019
